

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.769

Sábado, 30 de Agosto de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—Rua da Alameda, 115 e 116

O pão não pode ser aumentado porque não pode agravar-se mais a miséria em que o proletariado vegeta

A REMODELAÇÃO GRÁFICA DE "A BATALHA"

Vai em 17 contos a subscrição aberta a favor da remodelação gráfica de «A Batalha». É uma quantia animadora embora insuficiente para alcançar o objectivo. Dissemos já que menos de 25 a 26 contos não seria o bastante para que «A Batalha» remodelasse por completo o seu material tipográfico.

«A Batalha» necessita enfileirar, pela sua factura e aspecto gráfico, ao lado dos grandes jornais modernos. Não devemos esquecer que, sendo pela força da sua tiragem o terceiro jornal de Lisboa, essa mesma situação obriga «A Batalha» a manter um apuro que, honrando-a, honra ao mesmo tempo a classe operária de todo o país.

Pela «Batalha» mede a classe capitalista a força do proletariado. Ora «A Batalha» sendo um dos jornais mais importantes do país, não traduz, entretanto, pelo seu aspecto

antiquado, pelas suas deficiências provenientes da carência de recursos com que luta, toda a grande força de acção e de pensamento que o operariado possui.

Depende, pois, inteiramente da vontade do operariado a remodelação gráfica deste jornal.

Os 17 contos que deram já entrada nos cofres de «A Batalha» indicam claramente que o operariado deseja ardentemente fazer progredir o seu órgão na imprensa. Que os camaradas mais conscientes e os militantes mais compreendedores divulguem entre a grande massa as vantagens que a remodelação gráfica de «A Batalha» trará ao nosso meio social.

Uma vez conseguido o primeiro objectivo — a remodelação tipográfica — «A Batalha» terá de abalançar-se a outro empreendimento maior e de mais difícil triunfo: a remodelação

do seu quadro redatorial e a inauguração de instalações mais amplas, onde não só o nosso diário e o suplemento possam viver melhor, como a nossa secção editorial cujo movimento se encontra quasi paralisado, devido a falta de casa própria, se possa desenvolver.

Há, pois, uma grande obra a realizar, da qual depende a intensificação da propaganda sindicalista em Portugal. Urge que a nossa secção editorial inicie a publicação de livros doutrinários e de literatura moderna e educativa. Mas para se meter ombros a esses trabalhos de maior folego é necessário primeiro começar por fornecer «A Batalha» de elementos materiais que a melhorem e garantam a sua expansão. As grandes viagens começam por um passo. O primeiro passo é a remodelação gráfica de «A Batalha».

depende inteiramente da vontade do proletariado

OS INSACIAVEIS Redacção da lei do inquilinato A revolução radical foi sufocada ou simplesmente adiada

O ministro da Agricultura comunicou ao proletariado que o preço do pão iria ser aumentado porque o trigo já custa mais caro. E desde este género, indispensável ao alimento do proletariado, até aos artigos mais insignificantes, tudo aumenta de preço.

Porque legalizou o Estado o aumento das rendas das habitações? Porque aqueles que ele representa — os proprietários — alegando que os materiais de construção estão mais caros do que a data em que adquiriram os prédios reclamavam também o aumento dos seus rendimentos.

Razões como esta fundamentam os constantes assaltos à bolsa de quem não negocia, de quem não detém riqueza, fruto da exploração do trabalho alheio.

A burguesia não reconhece aos trabalhadores, quer manuais, quer intelectuais, o direito à conquista duma melhor situação económica. O lavrador que ordena ao ministro a elevação da taxa cerealífera, porque o trigo colhido este ano lhe saia mais caro, é o mesmo que nega ao trabalhador rural o direito de reclamar aumento de salário para pagar o aumento do preço do pão que o lavrador impõe.

Os proprietários e os mestres de obras que não estão contentes com o aumento de mais 100% que acabam de impor, negam-se a reconhecer aos operários o direito de auferirem maior salário para pagarem o aumento das ren-

das das casas que eles, operários, construíram.

E, como o lavrador e o senhorio, procedem os restantes que veem buscar à magra bolsa do povo a riqueza que lhes garante a ociosidade.

Segundo o estreito critério da burguesia, o consumidor só tem o direito de pagar, visto que não tem a quem possa endossar a extorsão de que é vítima. A situação do povo piora, dia a dia, enquanto a burguesia, que se sente cada vez mais rica e mais impune, vai gozando regaladamente as riquezas que o povo amassa com o seu suor e o seu esforço.

Estas são as verdades bem patentes, que toda a gente conhece. Quem não reparou já nesses burguesinhos, cheirando a estúpidez por todos os poros, e que há três ou quatro anos eram uns pobres diabos, sem eira nem beira? Não seriam esses cavalheiros capazes de explicar a forma como arranjaram as suas fortunas. O assambarcamento, o autêntico conto do vigário, fizeram deles os donos do país.

Pois, esta classe que suga o sangue do proletariado exausto, tem o arrojo, confiada no servilismo dos governos e na força das armas que os filhos do povo inconscientemente manejam, de negar a situação crítica que pesa sobre os trabalhadores.

E o povo estará por muito tempo disposto a suportar a exploração desta ignóbil casta de parasitas?

Ainda não está publicada a nova lei do inquilinato. Menos do que isso: nem sequer ainda está redigida. O que tem aparecido nos jornais e em folhetos não tem nenhum valor e apenas serve para facilitar a especulação que os senhores já estão fazendo com ilegais aumentos de renda. Mais uma vez damos o aviso: toda a alteração de renda é, por enquanto, prematura.

No entanto interessa-nos fazer alguns comentários a certos artigos do projecto tal como appareceu. A sua redacção é tão deficiente que não deixa de ser útil chamar a atenção da comissão parlamentar de redacção para que não deixe passar o monstroinho tal como appareceu em vários jornais. Neste artigo, pois, limitámo-nos a fazer alguns reparos a essa redacção.

Noutro artigo frizaremos já alguns dos defeitos da própria lei, que terão de tornar-se objectivo de reclamações porque se trata de matéria já aprovada e que na última redacção não pode de nenhuma maneira alterar fundamentalmente. E depois da lei publicada nos reservaremos para, como sempre, dizermos o mais desfavoravelmente que podermos a forma da sua aplicação em defesa dos inquilinos.

Daqui até lá há ainda muito tempo, pois tão cedo não irá o projecto para o Diário do Governo.

Devem, pois, os inquilinos manter-se no estado em que estavam até aqui, não permitindo quaisquer aumentos dos senhores, com o pretexto da nova lei, que ainda aliás não é lei.

O art. 3.º da lei apparece na imprensa com esta redacção:

«Art. 3.º—Os arrendamentos de prédios urbanos serão, não obstante a falta de título escrito, reconhecidos em juízo por qualquer

outro meio de prova, quando se demonstrar que a falta é imputável a negligência, coacção, dolo ou má fé do senhorio. Esta prova pode ser feita em qualquer estado da causa antes de efectuado o despejo definitivo, a requerimento do reu e sendo ouvido o autor.»

Sabendo-se que, pela lei anterior, não podiam ser postas em juízo acções de despejo sem apresentação prévia do arrendamento, mas providenciando-se agora sobre a validade de arrendamentos sem título, é possível que um ou outro juiz colocado do lado dos senhores encontre maneira de aceitar a acção especial de despejo em vez da acção ordinária, mesmo sem título. Para isso servir-lhes há admiravelmente a redacção deste artigo que fala em despejo definitivo duma causa que parece ser a acção de despejo! Não haverá maneira de pôr isso de forma a não deixar dúvida?

O art. 5.º não se entende. Da forma como está redigido não se percebe quem é que tem direito de continuar a habitar a casa. Ou se respeita o espírito do legislador ou a gramática, que são contraditórios.

O mais grave de tudo, e não pode deixar de se frisar, é o 2.º do artigo 6.º que condena o inquilino nas custas e selos do processo incluindo os honorários de advogado e procuradoria, isto nos casos das alíneas a) e b) do § 1.º do mesmo artigo. Ora um dos casos da alínea b) é o de o inquilino ter depositado a renda no prazo legal. Portanto rigorosamente com a interpretação textual desta disposição, teríamos que mesmo nesse caso o inquilino, embora não pedisse a casa, pagaria as custas.

Não foi certamente esta a intenção do legislador, mas a de se referir apenas aos depósitos fora do prazo de rendas em dívida. Tal redac-

ção tem evidentemente de ser modificada.

Por último o § 3.º do n.º 3 do art. 9.º diz:

«Para que se torne efectivo o direito a esta elevação (a das rendas) é necessário que o senhorio notifique judicialmente o inquilino pelo menos dez dias antes do vencimento da renda, ou de uma prestação desta. Esta notificação, porém, só se torna necessária para obrigar o inquilino à elevação da renda, quando este mostre, pelo respectivo recibo, que no pagamento da última prestação vencida não foi incluída essa elevação.»

O que se pretende determinar foi, ao que parece, o seguinte: o senhorio que ainda não aumentou as suas rendas, para as aumentar tem de notificar o inquilino, podendo este recusar o aumento enquanto não for notificado; o senhorio que já tinha feito o aumento e já tinha passado recibos com esse aumento não é obrigado a notificar, pois que o inquilino não pode mostrar o recibo da última prestação com menos importância.

Mas da maneira como está redigido o § referido dá lugar a confusões, que a rúbrica posta ao serviço dos senhores não deixará de aproveitar. Assim temos que a última prestação vencida pode considerar-se a própria que o senhorio exige e da qual o inquilino não pode apresentar recibo de menos, pois o senhorio o passou com o aumento e foi esse recibo que o inquilino se recusou a pagar. Trata-se da última prestação vencida, interpretando textualmente a disposição qualquer juiz pôde neste ponto dar razão ao senhorio. Evidentemente que isto tem de ser redigido doutro forma.

Estes são os reparos que podemos fazer, pelo que vimos publicado. Não sabemos se o que está para vir a lume ainda será pior.

Interessantes declarações dum elemento influente do P. R. R.

Mais uma revolução radical que caiu. Esta, então, caiu de pé, ou antes caiu de alto — do alto do Castelo de S. Jorge. Porque fôz esta última tentativa? Pedir resposta a esta pergunta equivale a pedir entrevista a um radical de influência. Vá de correremos as ruas e os cafés a procura do entrevistado. Encontrámos-o encostado a uma esquina da rua do Ouro, de olhar vago, perdido na multidão que passava, lenta e distraída. Interpelamo-lo:

— Nova contrariedade para o partido radical?

— Como quem accorda, em sobresalto, o nosso entrevistado, inquirir:

— Qual contrariedade?

— A revolução que se perdeu...

— Esta revolução que estava para acontecer e que foi talvez, não sufocada, mas adiada, não era do conhecimento do partido radical nem possuía, tampouco, o seu reconhecimento?

— Era ignorada pelo partido?

— Permita-me uma comparaçãozinha, imagine um homem pacífico e alheado, destes que siem do emprego directamente para casa e adormecem invariavelmente cedo. Deita-se tranqüilo, o nosso homem. Ao outro dia accorda, a mulher levanta-lhe a cama o «Diário de Notícias» e ele lê, arregalado de espanto, a publicação radical no Castelo de S. Jorge. O homem fica-se assombrado, sente a sensação de quem trambolhou das nuvens cá para baixo:

— O partido radical?

— Ignorava-a, como o paciente cidadão de que lhe falei. Deitou-se cedo como um partido de ordem que se pressa e ao outro dia soube pelos jornais do «fim» havido no Castelo.

— Ficarão, na primeira dezena, as tentativas que se fazem para uma revolução radical?

— Eu, partido radical, não sei. Eu, cidadão que espia cuidadosamente o que vai à sua volta, presumo que a revolução radical, mau grado algumas infidelidades havidas, tem assegurado o seu triunfo.

— Razões?

— A inépcia dos governantes, demonstrada em tudo quanto toca desde a questão dos tabacos à vulgar intrigaria política. O cinismo dos governantes corre parelhas com a sua inépcia. E, o seu cinismo identifica-se com a sua tendência conservadora — conservadora por podridão e por rotina.

— Enquanto lá fora, a violência sossobra: vidé a agonia de Mussolini, descreditado de Rivera, queda de Poincaré, trambolhão de Baldwin, ministério socialista na Dinamarca, aqui em Portugal, o nosso governante imortal, o nosso José Luciano da República — o sr. António Maria da Silva, enfim, puxa e repuxa a perna, para dizer que, em política, o momento aconselha que é um perigo andar para a frente, que é impossível andar para trás.

— E preciso que os governos se formem em torno da ideia de que isto deve estar como sem andar, nem desandar.

— O nosso entrevistado entusiasma-se e começa falando com vertiginosa rapidez, indignadamente:

— O António Maria da Silva é uma raposa com patas de burro. Então é que eternisar este momento de angústia, de crise e de miséria? O homem está José Luciano. E, os camelos, os ruminantes do directorio movem as corcovas aprovadamente!

— A revolução radical tem de operar

como um cirurgião dentista: arrancar a república o dente cariado da sua política tórva, reles e estúpida. A operação será dolorosa. Mas, quando ela se fizer, que alívio não sentirá a república, que alívio não sentirá o país.

— Mas, o dente não resistirá à operação? Tem raízes tão sólidas?

— Havemos de arrancá-lo. O movimento renovador que vai lá por fora, muda irresistivelmente a face da Europa. Acha, então, possível, que este pequeno país, que se acha isolado numa teimosia que pode tornar-se sinistra, do formidável movimento esquerdista?

Seria um contrasenso e uma catástrofe. O mundo caminha para uma noção mais elevada do direito, da justiça e da solidariedade.

— Os problemas sociais não serão tratados de molde a agradar às correntes mais avançadas do proletariado. A república radical, será, talvez, aquilo que os senhores lhe chamam uma república burguesa. Mas — e Herriot prova-o por palavras e obras — será uma república mais tolerante e menos egoísta do que a sua antecessora.

— O operariado será beneficiado com uma maior liberdade de acção e com concessões de importância económica. Reconhecer-se há a sua força em vez de estupidamente a contrariar como até aqui se tem feito. É um absurdo, hoje, atacar o proletariado a fortaleza quasi inexpugnável que ele constituiu com a sua energia e com os seus sindicatos.

— A política moderna?

— Em vez de irritar os conflitos, entre o capital e o trabalho, tende a evitá-los, procurando, incessantemente, os lugares tanto quanto possível harmónicos.

— É esse o ponto de vista do partido radical?

— Creio que não pode, nem deve ser outro. Se assim não for ele não passará duma redacção estúpida da catóica e vieiosa política do partido democrático. O partido radical não pode esquecer-se da evolução que se está operando na classe média que já se não contenta com as velhas fórmulas políticas. Imagine que em França, os conservadores para ganharem alguma coisa nas últimas eleições rotularam-se de «republicanos de esquerda!» Sinal de tempos...

— Se os tiros do Castelo fossem triunfantes...

— Seriam talvez tiros redentores! Mas não desanimemos. Novos tiros virão — que de vez acertarão no alvo...

Notas várias

Além dos indivíduos cujos nomes ontem publicámos, foram detidos pela polícia mais os seguintes que se encontravam nos calabouços 6 e 7 do governo civil:

— Pinho Cardoso, Evaristo da Cruz, António Espírito Santo, Carlos da Conceição Lopes, José Maria Paulino, João Duarte Meireles, Seralim Borges, Eugénio Rocha, Alfredo Martins, Cerílio Fernandes, António Melo Duarte, Vicente Lopes, António Seixas.

Alguns destes indivíduos, senão quasi todos foram presos por morarem nas imediações do Castelo.

— Os espartilhosos Javert também prenderam duas mulheres e quatro crianças que tiveram de pôr em liberdade. Naturalmente as crianças foram presas por suspeita de pertencerem ao comité secreto da revolução.

— Foram passadas, com o fundamen-

Notas e Comentários

Lourdes agoniza

As peregrinações a Lourdes já não são tão bafejadas pela graça celestial. Diz-se que Deus leu Voltaire e se tornou liberal, aborrecendo como um democrata genuíno, admirando o demónio servil. Bem se estabeleceram, este ano, os peregrinos, a berrar por Deus junto à gruta. Deus não os ouviu, nem os curou. Os tuberculosos voltaram, como foram — tuberculosos. O mesmo deu com os sífilis, cardíacos, cancerosos, leprosos, insânicos e outros enfermos incuráveis.

O «milagre» consistiu em se não ter produzido milagres. Esta repugnância de Deus em ser curando torce a transformar as expedições da fé em expedições de turistas. Se desejarmos os doentes dessas expedições futuras, que se dividam já que Deus confia inteiramente aos médicos os cuidados de os curar.

Dinheiro e política

O Dia veio ontem a dizer que a alta finança é uma pouca vergonhosa ao serviço da república e, especialmente ao serviço de certos republicanos que arrastam o Estado e o país.

Os republicanos, por sua vez, asseguram, principalmente quando a alta finança os não faz directores de bancos e companhias, que ela é reitivamente monárquica.

A confiamos que os republicanos e monárquicos sejam igualmente verídicos ou igualmente mentirosos ficamos por saber as opiniões políticas da alta finança.

Há talvez um meio de saber, ao certo, o que pensa a alta finança: — interrogar os consumidores...

III Congresso Nacional da Indústria do Calçado, Couros e Peles

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão organizadora, para a continuação dos trabalhos da reunião de ontem.

SANIDADE PÚBLICA

Segundo o boletim de Sanidade interna na semana finda em 23 do corrente manifestaram-se em Lisboa 2 casos de difteria, 3 de febre tifóide, 2 de meningite e 1 de varíola, e no Porto 1 de tosse convulsa, 2 de sarampo e 3 de varíola.

De interesse para as mulheres

O suplemento semanal literário e ilustrado de A Batalha, que de número para número grangela maiores simpatias em todas as classes sociais, passa actualmente por uma fase que especialmente interessa às mulheres.

No seu último número, abriu um inquérito aos seus leitores e leitoras sobre os meios de despertar a atenção para a defesa dos interesses materiais e morais de todas as mulheres que, «entretanto», se empregam em fábricas, oficinas, estabelecimentos e escritórios onde sofrem uma maior explo-

ração e um maior desrespeito para sua dignidade, que os seus companheiros de trabalho. A esse inquérito responderam já Alexandre Vieira, Miguel Correia, Campos Lima, Francisco Vidal, Manuel Joaquim de Sousa, Pinto Quartim, Santos Arranha, Silva Campos e outros cujos depoimentos o Suplemento começará a publicar no número de segunda-feira. Nesse mesmo número, Campos Lima escreve um interessante artigo, de defesa calorosa da moda feminina dos cabelos curtos, e sabemos que um importante estudo do nosso amigo

José Carlos de Sousa sobre a situação social da mulher portuguesa será publicado pelo importante semanário que bate já o record de tiragem entre as publicações nacionais suas congéneres.

Dado o interesse que o Suplemento de A Batalha está dedicando aos problemas que afectam a libertação da mulher, a todas as mulheres, incluindo as nossas burguesinhas, convém e é de utilidade ler o nosso semanário que no nosso meio literário e artístico se impõe pela sua esmerada e escolhida colaboração.

Campos LIMA

Enquanto lá fora, a violência sossobra: vidé a agonia de Mussolini, descreditado de Rivera, queda de Poincaré, trambolhão de Baldwin, ministério socialista na Dinamarca, aqui em Portugal, o nosso governante imortal, o nosso José Luciano da República — o sr. António Maria da Silva, enfim, puxa e repuxa a perna, para dizer que, em política, o momento aconselha que é um perigo andar para a frente, que é impossível andar para trás.

— E preciso que os governos se formem em torno da ideia de que isto deve estar como sem andar, nem desandar.

— O nosso entrevistado entusiasma-se e começa falando com vertiginosa rapidez, indignadamente:

— O António Maria da Silva é uma raposa com patas de burro. Então é que eternisar este momento de angústia, de crise e de miséria? O homem está José Luciano. E, os camelos, os ruminantes do directorio movem as corcovas aprovadamente!

— A revolução radical tem de operar

falando ao ouvido de alguns colonos ou frades, que sucessivamente desapareciam no meio do tumulto geral, que era dominado a custo pela voz firme e sonora de Loysik respondendo ao arceidiago:

—O bispo de Chalons não tem o direito de impôr a esta comunidade uma regra especial ou um abade; nós escolhemos livremente os nossos chefes, do mesmo modo que concordamos todos na regra que queremos seguir, uma vez que ela seja cristã; tal foi o direito anterior e primitivo que presidiu ao estabelecimento de todos os mosteiros da Gália; os bispos não têm sobre nós mais do que a jurisdição espiritual, que exercem sobre os outros frades; nós somos aqui senhores dos nossos bens e das nossas pessoas em virtude de uma carta do defunto rei Clotário, que proíbe expressamente aos seus duques, condes ou bispos, que venham inquietar-nos. Falam-me dos concílios, também eu os li; há de tudo nos concílios, bom e mau, justo e injusto; ora, eu ainda não perdi de toda a memória, e eis o que diz com toda a justiça nesse ponto o concílio de 611: «... Constatou-se que alguns bispos nomeiam injustamente abades para certos mosteiros, a alguns seus parentes ou aliados, procurando-lhes vantagens iníquas a fim de obterem pela violência tudo quando pode roubar ao mosteiro o fiscal que ali mandavam... »

O arceidiago mordeu os beiços; quiz responder, mas uma apurada prolongada lhe cobriu a voz.

—Ainda que o concílio não se expressasse nestes termos, que são os da justiça, prosseguiu Loysik, eu não reconheceria em nenhum concílio, em nenhum prelado, em nenhum rei, o direito de esbulhar homens honrados e laboriosos das terras e da liberdade que eles receberam do seu direito natural.

—E eu digo-te que o mosteiro é uma nova Babilónia, uma moderna Gomorra! exclamou o arceidiago; o bispo de Chalons já estava informado disso, eu quiz vê-lo com os meus próprios olhos e vi... Vejo mulheres e raparigas neste santo lugar, que devia ser consagrado à austeridade, à oração e ao retiro. Vejo to-

dos os sinais de uma imunda orgia, que provavelmente se prolongaria até pela manhã no meio de vergonhosas devassidões em que a promiscuidade da carne dos homens e das mulheres...

—Basta! gritou Loysik indignado; eu, o chefe desta comunidade, proíbo-te que manches por mais tempo os castos ouvidos destas esposas e destas jovens, que se acham aqui reunidas com as suas famílias para celebrar pacificamente o aniversário do nosso estabelecimento nesta terra livre, que fica livre, como aqueles que a habitam!

—Arceidiago, já são palavras de mais, exclamou Gondowaldo; de que serve argumentar com esses cães? não tens aqui os meus homens para te fazeres obedecer?

—Quero tentar um último esforço para abrir os olhos destes infelizes cegos, respondeu o arceidiago; este indigno Loysik conserva-se debaixo duma diabólica obsessão... Sim, tremam todos os que me ouvem, se resistem às ordens do nosso bispo!

—Salviano, disse Loysik, são baldadas as tuas palavras e vãs as tuas ameaças perante a nossa firme resolução de manter firmemente a justiça dos nossos direitos, recusamos-te na qualidade de abade deste mosteiro; estes frades lavradores e os habitantes desta colónia não têm que dar contas dos seus bens a ninguém...; um tam baldado empenho afige, ponhamos-lhe fim; a porta deste mosteiro está aberta para os que se apresentam como amigos, mas fecha-se para aqueles que quiserem apresentar-se como inimigos e como senhores, alegando pretensões de louca injustiça... Portanto, retira-te.

—Sim, sim, vai-te, arceidiago do diabo! disseram muitas vozes, não perturbes por mais tempo a nossa função! porque te arrenderias do teu atrevimento.

—Uma rebelião! ameaças! exclamou o arceidiago. Gondowaldo, acrescentou o padre afastando-se para deixar entrar no interior do pátio o chefe dos guerreiros francos, sabes quais são as ordens da rainha?

—E se não fossem as tuas demoras, há muito que essas ordens estariam cumpridas! Avancem, meus guerreiros...; amarram esse velho frade e exterminam a plebe se ela tentar resistir...

—Acudam, meus filhos, acabem com esses francos e viva a velha Gália!

Quem proferia estas palavras? era o velho Ronan seguido de uns trinta colonos e frades-lavradores, homens resolutos, vigorosos e perfeitamente armados de lanças, machados e espadas. Esta boa gente, tendo saído despercebida da cerca do mosteiro pelo pátio dos currais, tinha, conforme as ordens de Ronan, rodeado o edifício exterior até ao ângulo do muro do claustro; ali se conservava escondida e emboscada até ao momento em que Gondowaldo chamara os seus guerreiros. Saído então do seu esconderijo, precipitou-se então de improviso sobre os francos. Ao mesmo tempo, Gregório, acompanhado de um grupo, que não era inferior em número, nem estava menos bem armado que o de seu pai, saiu dos edifícios interiores do mosteiro, abriu caminho por entre a multidão que enchia o pátio e avançou em boa ordem. O arceidiago, Gondowaldo e a sua escolta de vinte guerreiros, viram-se deste modo no meio de sessenta homens resolutos, e forçados a fazer-lhes justiça... animados de mais intenções pelo que dizia respeito à pele dos francos. Estes, apresentando tais disposições, não trataram de resistir seriamente, e depois de um pequeno conflito entregaram-se. Contudo, Gondowaldo, tendo num primeiro ímpeto de surpresa e de raiva, levantado a espada sobre Loysik feriu um dos frades que o defendera com o seu corpo; Gondowaldo, a pesar de ser camarista da gloriosa rainha Brunehaut, foi derribado e moído de pancadas e viu desarmar os seus soldados depois de uma resistência inútil. Mas, graças à intervenção de Loysik, não correu, neste rápido conflito, mais sangue do que o do leigo levemente ferido por Gondowaldo; este nobre camarista foi solidamente amarrado com as algemas e cordas de que ele se tinha prevenido para manietar Loysik, com

uma previdência que o velho Ronan lhe agradeceu.

—Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, fiquem todos excomungados! exclamou o arceidiago pálido de raiva. Anátema ao que se atrever a levantar mão sacrilega sobre mim, que sou um sacerdote ungido do Senhor!

—Não me tentes, crente no que te digo, a pesar de seres ungido! porque eu, velho como sou, a fé de antigo Vagor, que estou com desejos de incorrer na tua excomunhão aplicando-te nas sagradas costas uma dose de pranchadas com a bainha da minha espada.

—Ronan, Ronan! nada de violências, disse Loysik, estes estrangeiros vieram aqui como inimigos e foram os primeiros a derramar sangue, já os desarmastes, fizestes justiça.

—E as suas armas vão enriquecer o nosso arsenal, disse Ronan. Vamos, meus filhos, façam essa boa colheita de ferro... Ficaremos armados como guerreiros reais!

—Conduzam estes soldados e o chefe para uma das salas do mosteiro, acrescentou Loysik, ali permanecerão fechados e alguns frades armados farão sentinela à porta e às janelas.

—Atrevem-se a fazer-me prisioneiro! a mim! oficial da casa da rainha Brunehaut! exclamou Gondowaldo rangendo os dentes, e fazendo por se desencilhar. Oh! todo o seu sangue não bastará para pagar semelhante afronta, frade insolente! A minha temível rainha me vingará!

—A rainha Brunehaut praticou contra todo o direito e justiça enviando os aqui a vosses, homens de guerra, para auxiliar com a força a mensagem do bispo de Chalons, quando mesmo as suas pretensões fossem tam justas quanto elas se mostram iníquas, respondeu Loysik; e dirigindo-se aos seus frades: Levem estes homens e sobretudo não lhes façam mal algum; se precisarem de comida, dêem-lha.

Os frades levaram os guerreiros francos e o seu chefe, que foi necessário arrastar à força, tam furioso

SECÇÃO DE LIVRARIA

“A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes: Continente—Encomendas postais até quilos 5000, pacotes até 2 quilos \$15 cada 50 gramas, e mais \$40 por registro em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos 6500. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos \$550. América do Norte—Pacotes até 5 quilos, 6550.

Publicações sociológicas

Organização Social...
Anonelli—A Rússia...
A Comunidade...

A Comunidade...
Porquê não...
Orelan...
Orelan...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...
Sciencia Lum...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...
Henrique Leone...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...
Trostky—Constituição Politi...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...
Ultimas paginas...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...

Ernesto da Silva...
Ernesto da Silva...